

JOÃO MELLÃO NETO

"Tão constante quanto a vocação inata do Brasil em crescer é o pessimismo que todos os brasileiros fazem questão de demonstrar." Essa conclusão não é de um pensador nacional. Foi publicada na conceituada revista inglesa *The Economist*, em 1983, dentro de uma reportagem de 15 páginas sobre o nosso país.



É sempre interessante saber o que os estrangeiros pensam de nós principalmente porque sua visão é isenta de interesses partidários ou preconceitos ideológicos. A reportagem ia além. Citava o fato de que, apesar de choros e lamentos de nossos "especialistas", o Brasil havia sido o país que mais crescera no mundo desde a 2ª Guerra, com taxas médias, históricas de cerca de 7% ao ano, "com, sem e apesar" de todos os tipos de governo que tivemos.

A gente pára para pensar e percebe que é assim mesmo, desde a descoberta do Brasil. A Nação cresceu muito mais em função da capacidade empreendedora do povo do que das análises pretensamente estratégicas dos especialistas e das elites pensantes. Se dependesse da Corte portuguesa, o território brasileiro ficaria confinado aos limites traçados no Tratado das Tordesilhas. Foram os bandeirantes, a iniciativa privada de então, que, teimosamente, avançou as fronteiras oficiais e tornou o Brasil o continente que é hoje. O café, fa-

tor primeiro da pujança de São Paulo, jamais recebeu qualquer benefício da corte imperial, no século passado, uma vez que os estrategistas de então entendiam que a cana-de-açúcar é que deveria ser o motor de nossa economia. Foram os cafeicultores paulistas também que criaram condições para eliminação da escravidão, uma vez que já estavam importando mão-de-obra livre de muito maior produtividade do que a dos cativos. A própria República nasceu em São Paulo, tendo como semente o "Manifesto de Itu".

Quando Juscelino, através de seu "Plano de Metas", entendeu de implantar a indústria automobilística no Brasil, todos os "especialistas" foram contrários. Argumentos não faltavam: o Brasil não teria mercado interno para absorver essa produção, não havia condições estruturais para a implantação de uma indústria de autopeças para sustentar as montadoras e houve até quem "provasse cientificamente" que a fundição de blocos de moto-

res em países de clima tropical era tecnicamente inviável. O avanço para o Interior, com a mudança da capital para Brasília, também foi motivo de ceticismo geral.

Mais recentemente, em 1984, a retomada do crescimento surpreendeu a todos, uma vez que a política oficial era a de manter o desaquecimento e gerar recursos para saldar a dívida externa. Foi com um sorriso amarelo que os técnicos do governo tiveram de admitir que as exportações haviam puxado o resto da economia.

Veio a "Nova República" e todo esse processo se pôs a perder através de cinco choques na economia e um sem-número de políticas intervencionistas.

Os técnicos, então, se acotumaram a citar a década de 80 como "perdida". Pois agora os primeiros resultados do censo do IBGE começam a demonstrar, na prática, o contrário. A mortalidade infantil decresceu, o analfabetismo também, o saneamento básico abrange hoje uma porcentagem muito maior de do-

micílios, a estatura média do brasileiro foi acrescida de mais 5 centímetros e a expectativa de vida subiu, na década, de 60 para 65 anos...

Por fim, nos surgem, na última semana, dados econômicos que demonstram que, apesar de todo o catastrofismo, a economia está voltando a crescer. E isso se deve, como sempre, à teimosia empreendedora dos brasileiros que, a despeito de todas as crises oficiais, está tratando de andar com suas próprias pernas.

O governo do sr. Itamar Franco — um estranho mineiro que, além de não trabalhar em silêncio, ainda tem o mau hábito de pensar em voz alta — em nada contribuiu para essa retomada. Talvez os fatos, agora, lhe sirvam como preciosa lição. A economia, felizmente, se pauta pelas leis de mercado. E não pelas normas do Diário Oficial.

■ João Mellão Neto, jornalista, deputado federal (PL-SP), secretário municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo, foi ministro do Trabalho e da Administração.

